

19 set. a 28 out.

inauguração

3.ª feira às 18h



2.ª a 6.ª feira 10h às 19h

sábado 10h às 14h

sala de exposições

entrada livre

10
C
S
O
P
X
E



**vim para
contar uma
história**

de Butcheca

Há vários anos que a pintura de Butcheca se sedimenta numa matriz narrativa. Entre o efeito estético e o circunstancial, o artista plástico atribui ao vigor da cor a possibilidade de ser com os outros no impulso do pincel. Por isso a sua obra é feita de personagens antropomórficas num exercício sistemático sobre a ordem natural das coisas.

Nesta sua 14ª individual (terceira num intervalo de um ano), Butcheca atravessa a fronteira do tempo para, algures no passado, retirar da memória a relação do Homem com o espaço de pertença. Logo, mais do que uma experiência sobre a fruição, “Vim para contar uma história” é uma pretensão estruturada num *puzzle* que nos orienta na nossa condição de seres ecológicos por definição.

Quer recorrendo a óleo/carvão/acrílico sobre tela, quer pintando sobre metal reaproveitado, Butcheca reafirma-se como um artista comprometido com o movimento anacrónico na sua relação com o território. Deste ponto de vista, é um autor cíclico e assertivo, que pensa a relatividade do horizonte sem se desligar do passado. Afinal, vir para contar uma história também significa transparecer um propósito de vida, pois, parafraseando Kundera, “o nosso artista inscreve-se na carta espiritual da sua nação e da história das ideias.”

Temos aqui um processo criativo ousado, por exemplo, visível na definição das dimensões das telas e na coerência ilustrativa da narrativa sugerida. Com esta proposta artística, Butcheca ultrapassa a média, tcheca o que traz dentro de si para, a coincidir com Lennon, nos fazer imaginar um mundo sem nenhum inferno (aparente) sob nós ou sem nenhum motivo para matar ou morrer.

“Vim para contar uma história”, portanto, é a confirmação da criatividade de um artista plástico que, eventualmente, se encontra no melhor momento da carreira. Nesta exposição, Butcheca dá-nos a oportunidade de viajar pelo tema da nossa infância do mesmo modo que projecta o que nos pode coarctar a liberdade. Muito provavelmente, o nosso artista nem se dá conta disso, mas a sua pintura, definitivamente, é um lugar onde podemos morar no equilíbrio simbólico de uma narrativa sintética.

José dos Remédios





Butcheca

Moisés Ernesto Matsinhe Mafuiane, conhecido por Butcheca [1978, Maputo], começou a pintar no início dos anos 90, tornando-se membro do Núcleo de Arte em 1997.

Desde a sua primeira exposição individual, em 2002, tem mostrado o seu trabalho nos principais espaços culturais da cidade de Maputo, tais como o Centro Cultural Franco-Moçambicano, a Galeria Kulungwana, a Fundação Fernando Leite Couto, a Galeria Arte d’Gema, Camões – CCP, entre outros.

No estrangeiro, expôs o seu trabalho em Portugal, Alemanha, Itália, Angola, Tanzânia e Japão.

Recebeu o 1º prémio Melhor Futuro [Hollard Moçambique], no âmbito das premiações da Colecção Crescente da Galeria Kulungwana [2020] e o 2º prémio na XIII edição da Bienal TDM 2015, no Museu Nacional de Arte, em Maputo.

Recentemente, destaca a participação na colectiva “African Identities - Chapter III”, no âmbito do AKKA Project, Veneza, Itália, e a exposição individual “A Dança das Sombras”, no Camões – Centro Cultural Português, em Maputo.

Já em 2023, participou na 5ª Bienal Internacional de Arte de Gaia, em Vila Nova de Gaia, e fez a sua última individual “O Coro dos Corpos” na Galeria Manoeuvre, em Matosinhos, Portugal.

O seu trabalho está representado em diferentes colecções públicas e privadas em Moçambique e no estrangeiro.

produção e montagem

Butcheca e ccfm

design e comunicação

matéria-prima

impressão

kioske digital